



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

11091 - Resumo Expandido - Trabalho - XVI Reunião da Anped Centro-Oeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 02 - História da Educação

HABITUS DE GÊNERO E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ALUNAS SECUNDARISTAS DO COLÉGIO NOSSA SENHORA AUXILIADORA: O IMPRESSO ESCOLAR *ECOS JUVENIS* COMO FONTE (1946-1951)

Cristian Lopez Gomes - UFMS/Campus de Campo Grande - Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

Agência e/ou Instituição Financiadora: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

HABITUS DE GÊNERO E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ALUNAS SECUNDARISTAS DO COLÉGIO NOSSA SENHORA AUXILIADORA: O IMPRESSO ESCOLAR *ECOS JUVENIS* COMO FONTE (1946-1951)

Introdução

Este texto resulta de um recorte de um Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado: “Práticas e representações sociais das estudantes secundaristas do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora: em estudo o impresso escolar *Ecoss Juvenis*”, concluído no ano de 2021.

Tem-se como objetivo realizar uma imersão nas fontes que trazem indícios sobre os processos educativos do ensino secundário do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, no período de 1946 a 1951. O recorte temporal da pesquisa foi proposto a partir dos impressos escolares localizados para compor o *corpus* do estudo. Para a referida pesquisa, foram mobilizados 13 exemplares do impresso escolar *Ecoss Juvenis*. Observa-se que no impresso materializavam-se textos das alunas do primário até o ensino secundário, porém para a pesquisa optou-se pelo estudo do ensino secundário.

De acordo com Carlos Alexandre Barros Trubiliano e Carlos Junior Martins (2010), o *Ecoss Juvenis* foi um impresso de variedades e de assuntos educacionais produzidos pelas

alunas do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, o qual circulou em Campo Grande e demais cidades do estado de Mato Grosso, de 1934 até meados da década 1950.

O impresso ao ser utilizado como fonte relaciona-se com a perspectiva de que como material referente à instituição, as representações dispostas pelas autoras permitem uma ampla abordagem sobre o fenômeno educacional, admitindo o estudo das relativas práticas que dali se observa, capazes de veicular representações das alunas, de professoras e da educação. (AGUIAR, 2020).

Para a leitura das fontes a opção teórico-metodológica adotada é operacionalizada por uma perspectiva sociológica em Pierre Bourdieu, e uma perspectiva histórica vinculada a Nova História Cultural em Roger Chartier, por meio de conceitos desenvolvidos pelos referidos autores.

O texto está organizado em dois tópicos, além da introdução e considerações finais, o primeiro tópico tece informações referente ao *locus* de pesquisa e o segundo tópico se propõe a discutir as representações sociais e o *habitus* de gênero das alunas secundaristas do referido colégio.

O Colégio Nossa Senhora Auxiliadora como *locus* de pesquisa

O referido Colégio pertence à Congregação Salesiana, criada por Dom Bosco em 1859, a qual se tornou uma congregação reconhecida no campo religioso pelos trabalhos desenvolvidos no campo educacional, tendo como alvo o acolhimento e a profissionalização da juventude, tanto das elites quanto da população desassistida, sem condições de pagar por um ensino para além do primário. (AZZI, 2003).

De acordo com Riolando Azzi (2003), a expansão e a fundação de um número acentuado de estabelecimentos católicos femininos no Brasil se deram nos primórdios do século XX, no qual se insere o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, em Campo Grande. A ala feminina “Filhas de Maria Auxiliadora” atuava nas obras de caridade, saúde e no campo educacional.

A fundação do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora ocorreu em 1926, com a proposta de educar as moças do sul do antigo Mato Grosso, oferecendo, num primeiro momento, o curso primário e, posteriormente, os cursos normal (1931), comercial (1934) e ginasial (1938). As alunas eram matriculadas em regime de internato, semi-internato ou externato e o Colégio tinha como objetivo contribuir para sanar a carência de estabelecimentos de ensino em Campo Grande destinado às “filhas do sertão”. (TRUBILIANO; MARTINS, 2010).

Como *locus* de análise da pesquisa, o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, se consolidou como uma instituição que ganhou prestígio no meio social em Campo Grande a

partir do apoio de pessoas oriundas do meio político e econômico, no qual, aproximava as alunas de padrões legitimados socialmente, principalmente pelas elites.

[...] a função do colégio caracterizou-se por oferecer às educandas instrução voltada para o refinamento cultural e social, a fim de torná-las aptas ao convívio social como mulheres virtuosas, polidas e religiosas convictas, atendendo assim às expectativas das famílias que desejavam ver suas filhas como futuras “damas da sociedade”. (TRUBILIANO; MARTINS, 2010, p. 4).

Nessa perspectiva, Fernanda Ros Ortiz (2014) aponta que a educação secundária no curso Normal do colégio desenvolveu práticas escolares, culturais e sociais favoráveis à formação de um *habitus* da classe privilegiada e a perspectiva legitimada do gênero feminino para o período. De acordo com Bourdieu (2011), o que determina e classifica os agentes no campo social é o capital econômico carregado, o cultural e o social. Só assim mantêm uma relação entre si e classificam os agentes por meio de um *habitus* incorporado.

O referido colégio assumiu o pioneirismo na formação das moças campo-grandenses, com o ensino secundário em funcionamento no Colégio. As Filhas de Maria Auxiliadora deram início à fase de consolidação de uma imagem de excelência e tradição escolar, oferecendo às elites locais uma educação de caráter moral e religioso em moldes europeus, em que havia uma formação intelectual e para o “lar”.

O *habitus* de gênero e as representações sociais de gênero das alunas secundaristas no impresso escolar *Ecos Juvenis*

Parte-se do pressuposto teórico de que a representação possui vida concreta no âmbito das práticas (CHARTIER, 1990). Com isso, as representações atribuídas à concepção de gênero foram constituídas por meio de “[...] estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros [...] a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas.” (CHARTIER, 1990, p. 71).

Compreende-se que as representações estão ligadas à construção de um *habitus*, especificamente o *habitus* de gênero. De acordo com Maria Eulina Pessoa de Carvalho (2004), está nos processos educativos a estruturação do *habitus* de gênero, pois é:

[...] fruto da educação informal, de um trabalho pedagógico

psicossomático de nomeação, inculcação e incorporação que se inicia no processo de socialização infantil e continua através de variadas e constantes estratégias educativas de diferenciação [...]. (CARVALHO, 2004, p. 1).

As práticas escolares mobilizadas proporcionavam uma concepção ao papel de mulher, o qual estava ligado aos papéis de mãe, esposa e religiosa. Com isso, materializavam-se no impresso essas concepções, que eram postas no campo escolar, com textos das alunas do referido colégio. No impresso escolar, em seção intitulada “Página da normalista”, as alunas do curso Normal escreviam textos referentes à maneira com que uma normalista devia se “portar” em suas vivências:

Página da Normalista

Tu, jovem Normalista, sonhas sem dúvida um belo futuro, um lar cheio de paz e alegria, um lar cheio de paz e alegria, um magistério fecundo ... Que fazes para alcançar isto? Como te preparas? Esses ideais belos e nobres exigem de ti uma aprendizagem remota: como poderás dar o que tu mesma não tens? Como ensinarás aos outros a sofrer se tu não toleras um contratempo? Como exigirás sinceridade, ordem, disciplina, se tu mesma não as possues? Como poderás descortinar perante a alma inocente e delicada de teus alunos ou de teus filhos, os encantos de nossa santa Religião, se tu mesma não tiveres piedade sólida. convicção profunda, fé inabalável? [...] Ufanas-te de ser católica e por uma dor de cabeça que ainda está a léguas de distâncias, perdes a Missa; sabes falar de “moralidade” e fora do Colégio usas “toilettes” indecentes, impróprias... [...] Sê coerente, jovem Normalista! Que tua vida seja uma doce harmonia... Que teus atos presentes, estejam de acôrdo com o ideal que almejas... Que tua vida seja uma doce harmonia... e experimentarás a felicidade de tornar os outros felizes. (ECOS JUVENIS, 1950, p. 17).

De acordo com Bourdieu (1999), existe no campo escolar a produção de uma representação legítima da divisão de gênero, no qual são apresentados papéis (arbitrários) aos corpos masculinos e femininos. As alunas incorporavam o ideal de ser e estar mulher e entendiam como “natural”, como se o biológico (em relação à mulher poder gerar filhos) determinasse a organização simbólica estrutural de dominação masculina.

A estruturação do *habitus* de gênero estava atrelada à religiosidade, que as alunas incorporavam ao longo de sua formação, representando por meio de poesias como era ser uma aluna salesiana:

Ser Salesiana é ser Hostia imolada

No Altar do Sacrificio noite e dia;

Co'o coração voltado para Cristo,

Co' os olhos mergulhados em Maria! (ECOS JUVENIS, 1947, p.11).

Por se tratar de uma instituição católica salesiana, existia um protótipo de mulher ideal, a Maria, pois ela era recatada, virgem e pura e, por essa razão, as alunas deveriam seguir esse modelo. Azzi (2008) destaca que esse modelo era recorrente em instituições escolares católicas femininas.

As alunas, em seus textos no impresso, também colocavam ênfase no modo como uma moça deveria se vestir:

Mocidade! Para! Olha para ti mesma. Pareces transloucada. Alinha os cabelos, arruma o vestido, tira essa máscara de ruge e carvão. Apresenta-te a Êle. Não temas. Tem vergonha de ti mesma; sim. Mas tem confiança nele. Êle te ama, te perdôa, te espera. Mocidade, tu deves ser bonita. Bonita assim: teus olhos puros como o céu; tua fronte serena como a aurora de maio; teu sorriso luminoso como a sinceridade. (ECOS JUVENIS, 1947, p. 15).

As representações referentes ao modo de vestir configuravam-se em um trabalho contínuo do colégio, que gerava uma *hexis* corporal de uma inculcação de valores de como relacionar-se com o próprio corpo. Esses ajustamentos perpassavam por uma questão de gênero, instruindo como uma futura “dama” da sociedade deveria se “portar”.

Algumas considerações:

O exercício ora apresentado aproximou-se das questões de gênero e *habitus*, ao compreender as representações das alunas secundaristas no impresso escolar *Ecos Juvenis*.

Ao mobilizar como fonte o impresso escolar *Ecos Juvenis* e analisar as representações localizadas em suas páginas, observa-se a formação e a estruturação de um *habitus* de classe e de gênero privilegiado, o qual proporcionou marcas de distinção das estudantes secundaristas do referido colégio.

Constatou-se também que a formação das alunas secundaristas era carregada de elementos intelectuais, morais e religiosos, que se materializavam em textos no impresso escolar *Ecos Juvenis*.

Palavras-Chave: Representações. Habitus de gênero. Colégio Nossa Senhora Auxiliadora. Ensino Secundário. Impresso escolar Ecos Juvenis

REFERÊNCIAS:

AGUIAR, Cintia Medeiros Robles. **Jornal escolar ABC literário**: representações simbólicas das práticas estudantis dos secundaristas do centro educacional Osvaldo Cruz, em Dourados – sul de Mato Grosso na década de 1960. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2020.

AZZI, Riolando. **Igreja Católica na formação da sociedade brasileira**. Aparecida: Santuário, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução Maria Helena Kühner. 8. ed. Rio de Janeiro, RJ: Beltrand Brasil, 2010.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. Tradução Sérgio Miceli et all .7. ed. São Paulo, SP: Perspectiva, 2011.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. Pierre Bourdieu sobre gênero e educação. **Revista Ártemis**. N.1. João Pessoa- PB, 2004.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural** □ entre práticas e representações. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: DIFEL, 1990.

ECOS JUVENIS. Campo Grande, Mato Grosso, s/n, jan. a jun,1947.

ECOS JUVENIS. Campo Grande, Mato Grosso, n. 58, maio a jun,1950.

ORTIZ, Fernanda. Ros. **A Escola Normal de moças das elites**: um estudo das práticas escolares, culturais e sociais do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora (1946 1961). 2014. 167 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2014.